

Dissecando narrativas: a ambientação sonora do podcast 'A Mulher da Casa Abandonada'

Maria Victória Gorski¹
Roberto D'Ugo Jr.² (Orientador)
Tiago da Mota e Silva³ (Coorientador)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar os aspectos orais, narrativos e sonoplásticos do podcast *A Mulher da Casa Abandonada* — divulgado em 2022 pelo jornal Folha de S. Paulo. O caso da mulher acusada de manter uma funcionária em condições análogas à escravidão nos Estados Unidos foi bastante repercutido nas redes, ganhando certo tom de sensacionalismo e espetacularização. Por meio de análise de conteúdo focada em dois dos oito episódios que o compõem, buscou-se estudar e compreender de que forma a ambientação sonora do produto influenciou a sua repercussão excessiva. A investigação apoiou-se em estudos de José Eugenio de O. Menezes, em seu livro *A Cultura do Ouvir e Ecologia da Comunicação* (2016), de Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva, em sua obra *Rádio: oralidade mediatizada*, e de Lidia Camacho, *La imagen radiofónica* (2005).

PALAVRAS-CHAVE: *A Mulher da Casa Abandonada*; Storytelling; Podcasting; Podcasts Narrativos; Análise de conteúdo sonoro

INTRODUÇÃO

No podcast *A Mulher da Casa Abandonada*, da Folha de S. Paulo, narrado, escrito e apurado por Chico Felitti, a linguagem radiofônica é explorada de maneira a criar uma experiência imersiva para o público. A escolha de elementos sonoros, a entonação de Felitti e a narrativa envolvente contribuem para a construção de um ambiente que estimula o imaginário sonoro e as emoções dos ouvintes. A sonoplastia desempenha um papel crucial nesse processo, proporcionando uma sensação tridimensional do espaço e das situações descritas. Além disso, ao abordar temas como crimes reais e investigações, o podcast se insere no gênero do true crime, que tem ganhado destaque na podosfera. Este gênero,

¹Maria Victória Gorski é estudante do curso de Jornalismo e pesquisadora do Centro Interdisciplinar de Pesquisas da Faculdade Cásper Líbero. mvictoriagorski@gmail.com

²Doutor em Artes pelo IA Unesp. Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de SP. Bacharel em RTV pela Faap. Professor adjunto do curso de RTVI e JO da Faculdade Cásper Líbero. robertodugo@gmail.com

³Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e bacharel em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero. Tiago me orientou a pesquisa durante o primeiro semestre de 2023. tiagodamotasilva@gmail.com

influenciado por tradições narrativas como as radionovelas e programas televisivos de investigação, combina elementos informativos e de entretenimento, criando uma experiência cativante para os ouvintes.

Lançado em 2022, o podcast conta a história de Margarida Bonetti — curiosa figura que morava sozinha em uma mansão abandonada no bairro de Higienópolis. Durante os episódios, é revelado que essa mulher, na verdade, foi condenada pelo FBI, no ano de 2000, por manter sua antiga empregada doméstica em condições análogas à escravidão. O podcast é quase que um diário da investigação de Felitti e teve grande repercussão — em entrevista para a revista *Máxima*, o jornalista conta que cada episódio acumulava, individualmente, mais de 3 milhões de ouvintes. O caso foi alvo de polêmicas e sensacionalização por meio de seu público e até mesmo da mídia. Foram relatados casos de pessoas que fantasiavam-se como a mulher, com o rosto coberto de pomada branca, como Felitti a descreve, e até mesmo ataques ao casarão. Internautas apontaram que talvez a forma como essa história foi contada contribuiu para com essa repercussão exagerada. A imersão proporcionada pelo áudio, aliada à narrativa intrigante e à utilização de elementos do true crime, posiciona o podcast como um exemplo relevante da evolução do meio e sua capacidade de envolver e cativar audiências cada vez mais diversificadas. Contudo, para entendermos sua popularização é preciso, primeiro, compreender o formato do podcast.

O surgimento do podcast e sua popularização no Brasil

Podcasting é categorizado como uma prática de produção, distribuição e recepção em demanda de conteúdo sonoro, utilizada, geralmente, para fins informativos ou de entretenimento. O modelo surge no ano de 2004, quando o ex-video-jockey da MTV, Adam Curry, tem a ideia de criar um produto sonoro de recepção assíncrona, com o auxílio de softwares de tecnologia RSS (Really Simple Syndication), desenvolvida por Curry em parceria com Dave Winer. O termo podcast, por sua vez, é primeiramente citado em publicação no jornal britânico *The Guardian*, pelo jornalista Ben Hammersley, como uma junção de broadcast com pod, referenciando o iPod — reprodutores de mídia portáteis comercializados pela Apple (BONINI, 2020, p. 14).

A prática do podcasting nasce num contexto próximo à chegada dos primeiros smartphones — visto que o primeiro iPhone foi lançado três anos após seu surgimento, em 2007. Em seus anos iniciais, estava diretamente atrelada a ideia de fazer o download de arquivos para posterior reprodução (VICENTE, 2018, p.90). Nos dias atuais, dado o grande salto tecnológico, as práticas de consumo de produtos sonoros são diferentes. Com a popularização de smartphones e da internet móvel, levaram a uma "mudança do downloading

para o streaming" (VICENTE, 2018, p. 90), permitindo, agora, que os usuários consumam os episódios de forma online e instantânea. Hoje, são utilizadas plataformas de áudio como o Deezer e Spotify, além da criação de sites próprios para o consumo de determinado podcast, deixando a tecnologia RSS e a lógica das assinaturas de escanteio. Pode-se dizer, contudo, que o *boom* de seu produto sonoro se deu somente em 2014.

O podcast *Serial*, de 2014, derivado do programa *This is American Life* e recentemente comprado pelo *The New York Times*, pode ser considerado o “divisor de águas” do universo podcaster. De cunho investigativo, o programa narrado por Sarah Koenig relata, em sua primeira temporada de 12 episódios, a história do assassinato da jovem Hae Min Lee, de 18 anos, e seu principal suspeito: o ex-namorado Adnan Syed, de 17 anos, que foi condenado a prisão perpétua, mas alegava inocência. O podcast teve mais de 300 milhões downloads, quebrando recordes da categoria e foi registrado pela mídia internacional que o produto arrecadou cerca de US\$ 10 milhões de dólares com a divulgação de marcas em suas duas primeiras temporadas (DÓRIA, 2015 apud. DETONI, 2018, p.41). *Serial* foi a primeira publicação levantar dúvidas sobre a condenação de Adnan, que teve suas acusações anuladas em setembro de 2022. Devido a sua grande repercussão, o podcast torna-se um referencial para o campo, abrindo portas, também, para a ascensão do *true crime* na podosfera — gênero que narra histórias de crimes reais, unindo os mundos da informação e do entretenimento.

O gênero carrega consigo heranças de sermões, relatos míticos e até mesmo aspectos da dramaturgia para a sua narração. O enredo do *true crime* inspira-se nos moldes das “revistas de detetive”, populares nos anos de 1920 e 1930 (PUNNET, 2018 apud. JAUREGUI, VIANA). Na década de 1970, o *true crime* ganha espaço também na televisão, com programas e até mesmo canais que se dedicavam a cobrir crimes reais com exclusividade. Em 1980 o gênero atinge seu auge, colecionando um alto número de vendas de livros com a temática. A chegada do gênero ao universo do podcast, com *Serial*, influenciou diretamente na sua forma e, principalmente, em seu consumo, gerando resultados positivos também na América Latina.

No Brasil o primeiro podcast, chamado *Digital Mind*, apareceu em outubro de 2004, lançado por Danilo Medeiros. Somente em 2006 o mercado se desenvolve e dois anos depois o formato ganha notoriedade em solo brasileiro. *Nerdcast* e *Rapaduracast* são grandes nomes que marcam o início de sua popularização. Nesse período, os podcasts nacionais ainda não se desenvolviam profissionalmente, o que mudou em 2019 com o sucesso de *Caso Evandro*, podcast de *true crime* que utiliza aspectos narrativos. A segunda temporada do podcast *Projeto Humanos* bateu 4 milhões de downloads no ano de seu lançamento contando a

história de Evandro Ramos Caetano, que foi dado como desaparecido e posteriormente morto em Guaratuba, no litoral paranaense, no ano de 1992. O caso despertou o interesse dos ouvintes brasileiros pela declaração dos policiais militares de que a criança foi morta em um ritual religioso encomendado pela esposa e filha do prefeito da cidade à época. Ivan Mizanzuk, o criador do podcast, se espelhou nos moldes de programas de *true crime* estadunidenses para reviver o crime.

Outro exemplo relevante foi o podcast *Praia dos Ossos*, primeiro projeto original da *Rádio Novelo*, lançado em 2020. A investigação conta, durante os oito episódios, sobre o assassinato da celebridade Ângela Diniz, ocorrido em 1976. O nome do programa foi inspirado no local do crime: o assassinato ocorreu na casa em que o casal pretendia comprar na Praia dos Ossos em Buzios, no Rio de Janeiro. Para além do sucesso dos programas acima citados, a entrada da maior emissora nacional de televisão, a Globo, no mercado de podcasts também foi bastante significativa para o aumento do consumo desse formato pelo público brasileiro (DA SILVA, 2021, p. 12). O podcast *Projetos Humanos*, por exemplo, teve seus direitos comprados pela Globoplay em 2021 (JAUREGUI, VIANA, 2022, p. 3). Julia Lucia de Oliveira Albano da Silva (2023) comenta que o fato ajudou a disseminar a cultura do podcast para a população brasileira, gerando um aumento de consumo, impulsionado pela maior abrangência e capilaridade da emissora, como também a disseminação dos podcasts para classes mais baixas que ainda não tinham contato com a plataforma.

Os novos formatos de podcast aproximam-se, muitas vezes, de documentários e séries de reportagens do radiojornalismo. Dentro de seu campo de estudos, existe a discussão acerca de sua semelhança a programas radiofônicos. Vicente (2018) defende que o rádio foi fundamental para a consolidação da identidade do podcast, mesmo que assuma características próprias (VICENTE, 2018, p. 12).

Os programas radiofônicos de cunho narrativo contavam com o uso de sonoras diversas, trechos de entrevistas e até mesmo gravações cotidianas para dar cor à imagem sonora, remetendo aos modelos de podcast que hoje conhecemos. Elementos narrativos e sonoros eram combinados para evocar situações próprias do imaginário do ouvinte (DANTAS, GOMES, 2010, p. 186). Trilhas e efeitos sonoros eram escolhidos a dedo para a representação de cada cena, permitindo que o ouvinte pudesse vivenciá-la por meio das sensações nele causadas, estabelecendo vínculos com o produto sonoro. As vibrações sonoras “geram, desse modo, ambientes de afetividades que facilitam o cultivo dos vínculos” (MENEZES, 2012, p. 13)

Mais características "emprestadas" dos programas radiofônicos são referentes aos produtos de dramaturgia, como radionovelas, séries e rádio-teatro, que marcaram a chamada "era do ouro" da rádio. No Brasil, a primeira radionovela da qual se tem registros é a *Em busca da felicidade*, veiculada na Rádio Nacional. Mesmo com seu enfraquecimento, o legado das radionovelas se mantém vivo nas atuais áudiosséries — ficções em áudio destinadas a plataformas digitais. Produções jornalísticas de áudio, como o podcast *A Mulher da Casa Abandonada*, utilizam dos aspectos literários nessas peças de ficção — o *storytelling* (narração de fatos como histórias) e técnicas de imersão.

A prática da narrativa ressurgiu de maneira emblemática com Ira Glass, jovem produtor da Rádio Pública de Chicago, em 1995 (DETONI, 2018). Graças a ele, aos finais de semana a rádio transmitia um programa de uma hora e meia de duração com relatos pessoais de anônimos, que contavam histórias marcantes de suas vidas — conhecido como *This American Life*. Resgatando o papel do narrador nos documentários, Glass deixa um legado que se estende até os dias atuais, influenciando demais produtores a adotarem a prática do *storytelling*. Nos podcasts de casos criminais ou histórias cotidianas, o *storytelling* marca sua presença. Suas principais características são a descrição de ambientes, cenas e personagens, sem deixar de lado o caráter factual e informativo da publicação jornalística, técnicas muito utilizadas no jornalismo literário.

O podcast narrativo busca pintar um cenário no imaginário de seu ouvinte, utilizando aspectos sonoros e narrativos para tal. Também é comum o uso da primeira pessoa por parte do narrador que, por sua vez, torna-se parte da história, expressando suas impressões e opiniões. O podcast narrativo é dividido em episódios, utilizando de aspectos dramáticos e imersivos que instigam a curiosidade de seus ouvintes, causando a ansiedade para um próximo capítulo. Aspectos líricos e literários são incorporados a esses programas, como também trilhas e outros elementos de sonoplastia, para criar uma atmosfera condizente com as sensações que as histórias buscam transmitir. Em seus melhores exemplos, busca-se a tridimensionalidade do ouvir e o fortalecimento de vínculos sonoros.

Os aspectos tridimensionais e sonoplásticos dos podcasts narrativos

Vínculos sonoros e a cultura do ouvir

De acordo com o professor doutor José Eugênio de O. Menezes (2007), esses vínculos partem da ideia de que os indivíduos experienciam a comunicação midiática como algo

vívido, e assim criam-se os vínculos capazes de influenciá-las dentro de um ambiente comunicacional. Apoiando-se nos estudos do antropólogo Christoph Wulf, Menezes discorre sobre a relação entre o ouvir e o sentir. O antropólogo enfatiza que a relação do ouvido e dos sentimentos é uma condição ontológica pois, segundo o mesmo, um feto de quatro meses e meio já é capaz de reagir a estímulos acústicos, uma vez que o ouvido desenvolve-se antes mesmo da visão e dele partem os sentimentos de segurança e pertencimento, enfatizando a importância da entonação e timbre da voz materna, por exemplo. Wulf (apud MENEZES, 2007) aponta, também, sobre as diferenças entre o olho e o ouvido, afirmando que, enquanto o primeiro reduz o mundo a uma bidimensionalidade, o segundo “capta a *tridimensionalidade* do espaço, permitindo o senso de equilíbrio, o sentido de localização no espaço e a percepção da sucessão dos sons na perspectiva do tempo” (MENEZES, 2007, p. 112).

Menezes discorre sobre o que chama de Ecologia da Comunicação, buscando compreender a relação entre o homem e o ambiente comunicacional, que, na contemporaneidade é “dominado por um conjunto de repetições das mesmas imagens, palavras, ou ideias em forma de eco que favorecem as lembranças superficiais” (MENEZES, 2016, p. 36). Baseando-se nas ideias de Vicente Romano e de Vilém Flusser, afirma que esse processo comunicacional exige a participação de todos os sentidos. O autor aprofunda-se nessa ideia de tridimensionalidade, a qual ele afirma utilizar todo o corpo, estudando sua passagem para a comunicação nulodimensional — uma jornada rumo à abstração, baseada em dígitos e números.

Menezes questiona a possibilidade de experiências comunicativas que “se esparramam pelas porosidades entre corpos e equipamentos” (2013, p. 62), ou seja, a possibilidade da captação de emoções e sentimentos estimulados pela tela. Para investigar tal hipótese, o autor baseia-se na noção de capilaridade da comunicação, apresentada no texto *As Capilaridades da Comunicação*, de Baitello Jr. (2010). Para Baitello (apud. MENEZES, 2016) as diferentes capilaridades constroem ambientes comunicacionais específicos, as categorizando em quatro tipos: a capilaridade da comunicação presencial, a capilaridade alfabética, a capilaridade elétrica e a capilaridade eólica. A primeira refere-se ao corpo como base da comunicação, como o foco na presença física, já a segunda à capacidade de penetração das percepções mediadas pela escrita alfabética e a reação do corpo. A terceira e quarta são voltadas ao campo das mídias digitais, em que a elétrica implica o conjunto de impulsos elétricos para a transmissão sincronizada da voz e da imagem, cultivando uma nova noção de proximidade entre o mediador e o receptor, e a eólica indica a permeabilidade dos “ventos da mídia” dentro do universo privado dos usuários.

Programas radiofônicos e podcasts podem ser exemplos de produtos sonoros que, como processos comunicativos, transitam pelas diferentes capilaridades. O podcast *A Mulher da Casa Abandonada* utiliza elementos da cultura oral e sonoplastia para aproximar o ouvinte da narrativa. Ao exemplificar essa relação, utilizando a monografia *Metzontla, Los Reyes. A paisagem sonora como documentário*, do radialista Julio de Paula, Menezes discorre sobre a capacidade de reviver a experiência por ele gravada:

As paisagens sonoras se derramaram pelas capilaridades elétricas quando os sons foram captados por um gravador e ouvidos por qualquer pessoa com acesso à gravação ou ainda por aquelas que tiveram acesso ao documentário por uma emissora de rádio. [...] Ouvindo o documentário, nós podemos reviver parte da experiência do radioartista; ele por sua vez possivelmente reviverá um conjunto de emoções próprias de quem foi capturado pela magia da festa." (MENEZES, 2016, p. 46-47)

Banhado em cuidadosas ambiências sonoras e trilha musical envolvente, o podcast objeto desta pesquisa cria um cenário sonoro no imaginário do brasileiro, o que o aproxima da história de Margarida Bonetti.

A linguagem radiofônica - oralidade e sonoplastia

Em seu livro *Rádio: Oralidade Mediatizada - o spot e elementos da linguagem radiofônica* (1999), Julia Lucia de Oliveira Albano da Silva estuda os elementos da linguagem radiofônica ao analisar o spot — peça publicitária veiculada no rádio. Silva discute os elementos verbais, como o texto redigido e a voz do locutor, e os aspectos sonoplásticos, como trilhas sonoras, efeitos e ruídos. Todos esses elementos também podem ser observados em novos formatos como o podcast. Para da Silva (1999, p. 32), a linguagem radiofônica é o resultado de uma combinação de elementos verbais e não-verbais. Esses elementos moldam a narrativa, criando ambientes comunicacionais e estimulando o imaginário de seus ouvintes.

No contexto atual do mundo conectado, cria-se a necessidade da implementação de técnicas de imersão, apoiadas nesses elementos narrativos e na sonoplastia, para prender a atenção do ouvinte — como o que foi feito pela equipe de edição no podcast da Folha de S. Paulo. Paul Zumthor (1993), a sensação de performance é o que mantém o público envolvido na história. Zumthor também reflete que “no calor das presenças simultâneas em performance, a voz poética não tem outra função senão exaltar a comunidade” (ZUMTHOR, 1993, p.143), o que nos faz pensar no impacto de podcasts de true crime e a formação de verdadeiras comunidades de ouvintes dessas produções.

Os textos radiofônicos, em sua maioria, são atravessados por elementos da oralidade e marcados pelo aspecto tátil da voz (DA SILVA, 1999). Ainda segundo a autora, ao ser verbalizado, o texto ganha plasticidade e cor, tocando os ouvintes de uma forma que um texto unicamente escrito não conseguiria, trazendo também o sentimento de proximidade. Portanto, a escolha do narrador é essencial para o processo imersivo, pois o foco das emoções está ligado a sua entonação e timbre de voz: “a narrativa radiofônica emprega elementos que contribuem para uma imersividade sendo a voz humana e a entonação empregada fundamentais para o envolvimento emocional” (VIANA, apud. DE SOUZA, 2022). A maneira e o ritmo como se lê, bem como a forma como se pronuncia uma palavra são atributos que ajudam a prender a atenção e o interesse daquele ouvinte. Em entrevista concedida a mim, Julia Albano da Silva (2023) afirma que:

Para você conseguir convencer alguém de que pode acompanhar uma narrativa somente pelo áudio, eles precisam recorrer a uma estratégia eficaz de leitura e recursos sonoros, utilizando, principalmente, a voz do apresentador, o tom que ele assume. Embora ele pareça que só está ali conversando, ainda que de forma informal, e pensado. Não é da forma que ele fala normalmente enquanto está conversando com você no dia a dia, em uma roda de conversa.

Esse aspecto pode ser percebido na narração do jornalista Chico Felitti. É notável a diferença em sua entonação durante o narrar da história em comparação ao momento em que ele conversa com Mari (o nome pelo qual Margarida Bonetti se apresenta) no primeiro episódio. Quando encontra a mulher, que tenta impedir que uma árvore seja derrubada, o jornalista assume um tom descontraído, como quem conversa com uma figura qualquer para descobrir o que acontecia ali. Já durante a narração, Felitti assume um tom mais sério e grave, dando maior credibilidade ao que está sendo contado. Essa narração é enriquecida por trilhas e elementos que colorem as cenas descritas, seja por músicas que despertam sentimentos diversos ou até mesmo sons que representam uma ação ou objeto citado pelo Felitti.

Nos podcasts narrativos, os elementos sonoros (verbais e não verbais) ampliam as emoções da história a ser contada, pois são eles os maiores responsáveis pela criação do ambiente comunicacional. R. Murray Schafer aborda em sua obra “O Ouvido Pensante” o conceito de paisagem sonora, definindo-a como “um ambiente real ou uma construção abstrata qualquer, como composições musicais, programas de rádio, etc” (1991, p. 274-275). A paisagem sonora cria uma atmosfera capaz de transmitir sentimentos e sensações. O cuidado na escolha da trilha e dos efeitos sonoros, por exemplo, pode tornar incrível e eletrizante algo que era antes monótono, assim como o uso estratégico de ruídos, do silêncio,

do ritmo, de pausas e da intensidade. A esse conjunto de elementos não-verbais Julia Lucia dá o nome de *sonoplastia*, que por sua vez não só atribui credibilidade e proximidade ao produto sonoro, mas também facilita a experiência imersiva, construindo o cenário acústico, seus personagens e suas ações, inaugurando, portanto, formas de encantar e persuadir o ouvinte (DA SILVA, 1999, p. 12).

A escolha da edição de utilizar uma trilha misteriosa, por exemplo, desperta no ouvinte um sentimento de curiosidade. Isso fica claro ao observarmos o *trailer*, que funciona como uma peça publicitária e tem o objetivo de atrair a escuta do ouvinte para aquela história. Colorido pela escolha de uma trilha sonora “assombrosa”, que se dissolve com a entrada da voz de Chico, o jornalista nos apresenta a mulher e descreve o crime que cometeu. A maneira como o texto acompanha o ritmo, junto da articulação plástica entre o texto informativo e a edição sonora, funciona como uma tática de imersão poderosa, instigando, assim, o interesse do ouvinte de consumir aquele produto. Esse entrelaçamento entre o texto e a música, e até mesmo a edição do próprio texto, introduz o ouvinte à linguagem do podcast, dando um “gostinho” do que vem pela frente no decorrer dos oito episódios. Mas é a ambientação e a incrível descrição de detalhes que pintam no imaginário do ouvinte uma imagem sonora, aproximando-o do que ali foi vivido, como se, apenas ao ouvir a narração de Chico Felitti, ele pudesse enxergar claramente o bairro de Higienópolis e a mulher de cara branca. É possível observarmos isso no primeiro episódio, *A Mulher*. Durante o episódio, Chico nos apresenta a figura da mulher, descrevendo cenas que se passam em quatro principais ambientes: o bairro de Higienópolis, a praça, uma farmácia e a casa abandonada.

Análise do episódio “A Mulher”

Para uma análise aprofundada dos elementos que compõem o episódio escolhido, apoiarei-me nos estudos de Lídia Camacho (1999), que os separa em quatro categorias básicas: a voz, a música, os efeitos sonoros e o silêncio. A elas, são atribuídas também quatro funções: a descritiva, a expressiva, a narrativa e a rítmica. A pesquisadora explica que a função descritiva diz respeito aos elementos que dão cor à cena, que ilustram aquilo que foi falado (como o som de uma buzina para representar um carro). Já a expressiva está alinhada ao psicológico, trata-se de sons que buscam representar e instigar emoções, como a melancolia e o humor. A narrativa, por sua vez, é aquela capaz de contar a história antes mesmo que ela seja narrada. E, por último, a rítmica, complementa o ritmo de uma ação, dando maior dramatização à cena.

O bairro de Higienópolis

O episódio inicia-se com uma breve descrição do bairro de Higienópolis. Chico, com tom firme e voz seca, pontua seus principais atributos: um bairro arborizado, seguro, lar da elite paulistana (1). O narrador descreve sua caminhada pelo local, dizendo passar pelo prédio em que moravam Jô Soares e Adriane Galisteu (2) e do apartamento de Fernando Henrique Cardoso (3). O jornalista comenta sobre a calma do bairro, por se tratar de uma véspera da véspera de natal, pontuando que, nas ruas, só haviam os zeladores varrendo as calçadas e conversando (4).

A praça e a farmácia

É nesse segundo momento que somos apresentados à mulher. Chico relata que, durante sua caminhada matinal pelo bairro, percebeu uma estranha movimentação, algo que “arranha a paz da elite”, como o mesmo descreve (5). O jornalista descreve a cena: funcionários da prefeitura estão derrubando uma árvore de uma praça do bairro, enquanto duas mulheres os observam (6). A descrição dessas mulheres é bastante divergente: enquanto Felitti refere-se a primeira como uma mulher alta, magra e de boas vestes, a segunda ganha características como “baixa e gorducha”, apontando a sujeira em suas roupas e seu mau cheiro. É assim que somos apresentados a Margarida Bonetti, que primeiro é citada como “Mari”. Com um caderno da Pequena Sereia em mãos, a mulher debate sobre leis e acusa os funcionários de estarem cometendo um crime de corrupção. A narração da cena é colorida por diálogos gravados no dia, ruídos urbanos e o constante ruído da serra elétrica. A cena é interrompida pela vinheta (7) e retomada com a derrubada da árvore que Mari tanto tentava defender (8). A vizinha que acompanhava a confusão conta para Chico que a estranha mulher mora na emblemática casa abandonada, tão conhecida e comentada pelos moradores do bairro (9). Após alguns bons minutos de diálogo com Mari, ela e Chico partem para a farmácia (10) em busca de uma máscara, visto que a dela estava besuntada pela pomada que passara no rosto. O jornalista relata a forma como Mari trata os funcionários, com um certo tom de soberba, e os dois então retornam ao ambiente anterior.

A casa abandonada

Num próximo momento, Chico volta o seu foco ao casarão. Ao descrevê-la, aponta seu aspecto abandonado: “uma casa centenária de três andares e tijolo aparente que já viu dias melhores. Cercada por mato, com as paredes manchadas e sujas e sem um pedaço do teto. As janelas verde musgo estão sempre fechadas, o portão de ferro é trancado por uma

corrente que dá quatro voltas...”. O jornalista relata que vizinhos reclamam do acúmulo de lixo e do mau cheiro vindo do terreno. Posteriormente, Felitti relata que o encontro não foi por acaso. Na verdade, ele sempre teve interesse em contar a história da mulher que ali vivia, pois acreditava ser uma figura abandonada com alguma história interessante (11), e aí começa a descrever a mansão com mais detalhes, explicando o que foi que o atraiu. Chega a comparar o cenário aos clichês de filme de terror, fazendo menção até mesmo ao conto de Mariana Henriquez, *A Casa de Adela*, presente no livro “As Coisas que Perdemos no Fogo” (12 e 13). Chico revisita a casa algumas vezes, com gravações de pequenas interações que teve com Mari (14), que geralmente tratavam-se de assuntos sobre cachorros. Os vizinhos se referiam a ela como “a bruxa” (15 e 16).

Tabela 1 - Ambientação sonora

AMBIENTES	ELEMENTOS SONOROS	CATEGORIA	FUNÇÃO
O BAIRRO DE HIGIENÓPOLIS	<ol style="list-style-type: none"> 1. Som doce de clarineta. 2. Sonora (Trecho de entrevista entre Jô Soares e Adriane Galisteu, comentando sobre a relação de vizinhança); 3. Apitos; 4. Ruídos de vassouras e risadas. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Música 2. Voz; 3. Efeito sonoro; 4. Efeito sonoro. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Narrativa, expressiva e rítmica → A clarineta remete ao gênero Klezmer, tradicional de celebrações judaicas. A música parece fazer alusão à cultura judaica, muito presente no bairro de Higienópolis. Mesmo que Chico não mencione em nenhum momento durante a narração, a escolha da trilha nos conta essa história. Ao mesmo tempo, a trilha estende-se por praticamente toda a cena, acentuando tons melancólicos e auto irônicos; e também acompanhando o ritmo da voz de Chico, quase que desenhando o movimento do jornalista pelo bairro. 2. Descritiva → Com a ambientação de um programa de auditório,

			<p>o áudio (sonora televisiva) dá contexto à fala de Chico.</p> <p>3. Narrativa → Os sons de apitos agudos, ao fundo, remetem aos utilizados em treinamentos do exército. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso é oriundo de uma tradicional família de militares e políticos do Brasil.</p> <p>4. Descritiva → O uso do som de folhas sendo varridas na calçadas e risadas entre duas pessoas descrevem a cena que Chico narra.</p>
A PRAÇA	<p>5. Ruído da motosserra</p> <p>6. Música</p> <p>7. Vinheta padrão do podcast</p> <p>8. Estrondo.</p> <p>9. Música</p>	<p>5. Efeito sonoro</p> <p>6. Música</p> <p>7. Música</p> <p>8. Efeito sonoro</p> <p>9. Música</p>	<p>5. Descritivo → O barulho da serra elétrica descreve a cena narrada pelo jornalista. O efeito compõe uma paisagem sonora, provavelmente gravada do próprio ambiente, retorna à cena em vários momentos.</p> <p>6. Expressiva → A trilha cômica de ritmo repetitivo e timbres delicados provoca humor na cena.</p> <p>7. Narrativo, expressivo e rítmico → Com tom juvenil e fantasioso, a música escolhida remete a contação de história, revelando o propósito do podcast.</p> <p>8. Descritivo → O efeito recria o som do tronco caído da árvore.</p> <p>9. Expressiva → A trilha misteriosa e de tom cinematográfico remete a sensação de suspense; medo do desconhecido.</p>

A FARMÁCIA	10. Sons de ambientação.	10. Efeito sonoro	10. Descritivo → Cria-se um cenário sonoro da farmácia, com barulhos da porta, de caixas, telefones, embalagens e sacolas plásticas.
A CASA ABANDONADA	11. Música (valsa) 12. Leitura de trecho conto pela dramaturga e atriz Renata Carvalho 13. Música 14. Latidos de cachorro 15. Música 16. Música	11. Música 12. Voz e música 13. Música	11. Rítmica → Uma valsa burlesca acompanha, em tom cinematográfico, o ritmo de contação de história. 12. Narrativa, rítmica e expressiva → Com voz teatral, a atriz narra um pedacinho da história, acompanhada de arpejos misteriosos e erráticos de piano ao fundo. Com a entrada das cordas a música torna-se uma valsa melancólica. A batida delicada, ao mesmo tempo que acompanha o ritmo da voz da Locutora, desperta o medo e o suspense no imaginário do ouvinte. Com uma valsa $\frac{3}{4}$, típica de leituras de história de terror, cria-se um cenário misterioso. 13. Transição de volta a história da casa abandonada. A música parece ser uma variação da valsa anterior, agora na roupagem de um minueto clássico para cordas, de caráter levemente humorístico, positivo. 14. Descritivo → As sonoras gravadas no local revelam uma característica do ambiente e conversam com a narração 15. Expressiva → A

			<p>música ruidosa gera um certo incômodo, causando um pequeno pânico, típico de momentos tensos em filmes de terror.</p> <p>16. Expressivo - Após resgatar um personagem de uma investigação passada, Chico retoma a história de Mari. A atmosfera misteriosa realizada pelo tremular de violinos, frases incompletas dos cellos e uma simples melodia ascendente da harpa (quase uma escala, hipnoticamente repetida). Durante a conversa telefônica com Mari, a melodia é conduzida por um instrumento de sopro, com comentários delicados da harpa.</p>
--	--	--	--

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta é uma abordagem preliminar, que comporta futuros desenvolvimentos. Uma modesta contribuição aos estudos de podcast no Brasil. Ao analisarmos a produção do podcast "A Mulher da Casa Abandonada", torna-se evidente a eficácia das escolhas editoriais, narrativas e sonoras na construção de uma experiência imersiva e envolvente para o ouvinte. A estrutura do trailer cumpre seu papel ao atrair a atenção do ouvinte para a história que será contada. A manipulação cuidadosa da trilha sonora do primeiro episódio, com efeitos sonoros estratégicos contribui para criar um ambiente de suspense, mantendo o interesse do público ao longo da trama. A articulação entre o texto informativo e a edição sonora demonstra uma tática de imersão poderosa, proporcionando uma introdução à linguagem do podcast e antecipando o que está por vir nos episódios seguintes. A ambientação e a descrição detalhada dos cenários revelam a habilidade do jornalista Chico Felitti em pintar um quadro sonoro vívido, aproximando os ouvintes da experiência narrada, o que pode justificar a sua repercussão e comoção por parte do público. A análise, baseada nos estudos de Lídia Camacho, revela a aplicação inteligente de elementos radiofônicos, tais como voz, música, efeitos sonoros e silêncio, enriquecendo a experiência auditiva que contribuem para uma

compreensão profunda da narrativa. Em suma, a produção do podcast transcende a mera narração de fatos, apresentando-se como uma obra sonora que utiliza esses elementos de maneira magistral. A interação entre a escolha musical, os efeitos sonoros e a narrativa textual demonstra uma abordagem refinada na construção de um produto que não apenas informa, mas envolve e emociona o público.

REFERÊNCIAS

A MULHER da Casa Abandonada. [Locução de:] Chico Felitti. São Paulo: Folha de S. Paulo, jul. 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0xyzsMcSzudBIen2Ki2dqV?si=IrT0hTWDSUsucDB3IkvMg>

BARSOTTI, Adriana; SANTA CRUZ, Lucia. Jornalismo literário em podcasts: Uma análise dos roteiros do Vozes, da CBN. *Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 137-159, jan./abr. 2020.

BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Tradução: Marcelo Kischinhevsky. *Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan./abr. 2020.

BOTELHO, Bruno Paniz. A polis dividida: a representação da tirania e da democracia na tragédia Antígone, de Sófocles. In: XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos Historiadores: Velhos e Novos Desafios. Florianópolis, 27 a 31 de junho de 2015.

BUFARAH JR. Alvaro; LOPEZ, Debora Cristina. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 13, n. 03, p. 43-61, jan./abr. 2022.

CAMACHO, C., Lidia. *La Imagen Radiofonica*. McGraw-Hill Interamericana Editores, S.A. de C.V, México, 1999.

DA SILVA, Matheus Barros. Polis e política a partir de uma leitura da tragédia Filocletes. *Revista Plethos*, 2014.

DA SILVA, Julia Lucia de Oliveira Albano. *Rádio: Oralidade Mediatizada - o Spot e os elementos da linguagem radiofônica*. São Paulo: Annablume, 1999.

DA SILVA, Julia Lucia de Oliveira Albano. *Entrevista cedida a Maria Victoria Gorski*. Google Meet, 05/05/2023.

DE SOUZA, Roberta. *Do jornalismo policial ao podcast de true crime: storytelling e sonorização como recursos narrativos da série “A Mulher da Casa Abandonada”*. Orientador: Paulo César Castro de Sousa. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2022.

DETONI, Marcia. *O Documentário no Rádio: Desenvolvimento Histórico e Tendências Atuais*. Pesquisa de Pós-doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais, Área de Concentração Cultura Audiovisual e Comunicação da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP). Supervisor: Prof. Dr. Eduardo Vicente. Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, Departamento de Cinema Rádio e Televisão – CTR. São Paulo, 2018.

DETONI, Marcia. A Volta do Narrador. Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2019.

DRUMMOND, Clara. “A MULHER DA CASA ABANDONADA”: O PODCAST COM A HISTÓRIA MAIS SINISTRA DO BRASIL.” Revista Máxima, 2022* Disponível em: <https://www.maxima.pt/actual/detalhe/chico-felitti-autor-da-mulher-da-casa-abandonada-e-mais-que-a-historia-de-um-crime-e-a-historia-de-uma-sociedade>

FINLEY, M. I. Uso e Abuso da História. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA., 1989.

GOMES, A. L., & DANTAS D. A produção de sentidos na construção do imaginário através da experiência estética do rádio. Estudos em Jornalismo e Mídia, Ano VII, Nº 1, Janeiro a Junho de 2010. ISSN 1984-6924. Recuperado de <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo>

JÁUREGUI, C., & VIANA, L. A mulher e a casa investigadas: notas sobre o “narrador detetive” em podcasts de True Crime.. Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2022.

LINDGREN, Mia. Jornalismo narrativo pessoal e podcasting. Tradução: Gustavo Ferreira. Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 112-136, jan./abr. 2020.

MENEZES, José Eugenio de O. Cultura do Ouvir e Ecologia da Comunicação. São Paulo: Editora Uni, 2016.

MENEZES, José Eugenio de Oliveira; PERTINHEZ, Stehane Cid. Era uma vez um podcast: Os vínculos sonoros em “Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes”. Revista Rádio-Leituras, Mariana-MG, v. 10, n. 02, pp. 109-124, jul./dez. 2019.

MENEZES, José Eugenio de O. Cultura do ouvir: os vínculos sonoros na contemporaneidade, Revista Líbero, ano 11, n. 21, jun. 2008

OLIVEIRA, Lorena Aracelly Cabral de Oliveira; LIMEIRA, Maria Aparecida Borges; KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos. Podcasts reconfigura a ficção radiofônica na era digital: uma análise das audiosséries “Sofia” e “Gilmar Baltazar, Detetive Particular”. Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 13, n. 01, p. 95-118, jan./abr. 2022.

SCHAFER, Murray. O Ouvido Pensante. São Paulo: Fundação Editora UNESP (FEU), 1992.

VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. Universidade de São Paulo, Repositório Institucional da USP (Biblioteca Digital da Produção Intelectual). ECA, USP. São Paulo, 2018.